



NA OCA, a brincadeira de esconde-esconde: curumins fazem apresentações de danças dos antepassados para grupos de estudantes por R\$ 1,50. Comunidade cedeu à tentação de viver da caridade de órgãos públicos que doam cestas básicas

Favelização ameaça aldeia guarani em São Paulo

Males e vícios da cidade grande como miséria, doença e alcoolismo se tornam, aos poucos, parte do cotidiano da reserva

José Luis da Conceição

Daniel Hessel Teich

• SÃO PAULO. A Grande São Paulo invadiu a pequena aldeia guarani, a fome levou índios e índias à mendicância e a reserva acabou virando mais uma das tantas favelas da região. Como um apêndice do cinturão de pobreza que envolve a capital paulista, a reserva da Barragem, onde vivem 350 guaranis que levam menos de uma hora de suas ocas à Praça da Sé, é hoje o retrato de uma nação derrotada, que teve que ceder à tentação de viver da caridade de órgãos públicos que doam cestas básicas ou da assistência de entidades religiosas.

Reunidos na oca principal da aldeia, a *opy*, todas as noites os guaranis rezam para Tupã, seu deus máximo. Cantam e dançam para pedir saúde, proteção, fartura. As ocas de palha e barro, a língua e os rituais mudaram pouco, mas a amplidão das matas reduziu-se a 26 hectares, que já não comportam o seu povo.

Vida de índio, mas doença tipicamente de homem branco

O diagnóstico dos médicos que cuidam dos guaranis é típico da pobreza urbana: desnutrição, verminoses, doenças de pele, gripes violentas, pneumonias e índice alto de mortalidade infantil.

— A situação desses índios é bem precária, principalmente por causa da pouca comida e das péssimas condições de higiene na aldeia. Eles têm doenças relativamente simples mas que podem levar à morte se não forem combatidas a tempo — diz a enfermeira Selma Carneiro Ferreira, do Ambulatório do Índio na Unifesp.

A proximidade da cidade tornou a mendicância alternada com a venda de artesanato e de palmito arrancado na região da Serra do Mar atividades corriqueiras para reforçar a precária situação em que a aldeia vive. É comum ver nas feiras dos bairros mais afastados da Zona Sul da cidade mulheres acompanhadas de seus



CRIANÇAS GUARANIS carregam roupas doadas por entidades filantrópicas para vestir a aldeia, que acabou se transformando em mais uma favela da região

filhos pequenos esquecerem o orgulho étnico e recolherem sistematicamente os restos de alimentos deixados pelos feirantes, ou ainda pedirem comida nas casas mais abastadas. Ao mesmo tempo, os homens cada vez mais se entregam ao alcoolismo.

— Não temos mais como caçar ou pescar e estamos vivendo sérias dificuldades. Qualquer coisa que a gente plante por aqui nunca será suficiente para alimentar tanta gente. Só as doações mesmo para sustentar a gente. Não é a vida que queremos, mas não temos alternativa — diz o cacique e pajé José Fernandes Soares, o Guyrapépe.

Foi por dinheiro, por exemplo, que os guaranis da Barragem submeteram-se ao constrangimento de receber até 300 estudantes

por fim de semana para conhecer a aldeia e assistir a demonstrações de danças típicas pelos curumins, que recebiam R\$ 1,50 por apresentação, cada um.

— Descobrimos depois que um tal de Kará Mirim, que veio até a gente dizendo que era descendente de índio e fazendo um monte de promessas, cobrava R\$ 3 por pessoa e pagava essa mixaria para as crianças — conta José Patura Karajá Tumbiá, índio carajá que vive na aldeia da Barragem há 30 anos, por ser casado com uma mulher guarani.

Ainda celebrando antigos rituais como o batismo cerimonial dos guaranis, uma vez por ano, o cacique Guyrapépe vê a televisão ocupar um espaço cada vez mais nobre dentro da *opy*, onde a tribo se reúne. Até seu filho, Pedro Fer-

nandes Soares, alterna a tradição das rezas e dos rituais com os capítulos da novela "O rei do gado", um sucesso entre os índios.

Com um misto de desconfiança e orgulho, os guaranis não gostam de falar sobre seus problemas. As mulheres, seguindo a tradição da aldeia, sequer falam português na presença de estranhos. Mas recentes traumas por que passou a tribo ainda calam fundo na lembrança. Um deles foi o desaparecimento de Alexandre, um menino de 6 anos que voltava de uma incursão à cidade acompanhado de várias mulheres e outras crianças num ônibus lotado. Ele acabou se perdendo e a mãe ficou desesperada. A agonia só acabou quando um carro da Fêbem levou o menino de volta para a aldeia.

— Ele ficou tão traumatizado que não quer mais sair da aldeia ou falar com os brancos — conta Timóteo da Silva, o Verá Popyguá, presidente da Associação Indígena Morro da Saudade (Aigams).

Outro fato ainda emblemático para os índios foi o assassinato por espancamento do índio Eleno Venite, há dois anos, na estrada que dá acesso à reserva. A polícia, que raramente é acionada pelos índios, foi chamada para investigar o crime, que nunca foi esclarecido.

— Não usamos arma de fogo, apenas as tradicionais, como facão e borduna, mas isso não quer dizer que estamos indefesos ou desatentos em relação ao que acontece fora da aldeia — diz Verá Popyguá.

Um dos principais temores dos

guaranis é ter que enfrentar gripeiros em suas terras. Eles temem que o avanço da cidade acabe empurrando os barracos das favelas da periferia até as vizinhanças da aldeia, hoje ocupada por pequenas chácaras e sítios.

— Já não temos quase nada. Se perdermos nossa terra, aí sim, estamos acabados — diz Nivaldo da Silva, o Kará-Tatendy.

A situação dos índios da Barragem já começa a despertar a preocupação da Procuradoria-Geral da República. A antropóloga e perita nas investigações sobre crimes cometidos contra minorias étnicas no órgão, Deborah Stucchi, acha ser necessário um controle maior sobre os contatos entre os índios e a comunidade ao redor. Ela responsabiliza a Funai pelo abandono que os índios vivem em São Paulo:

— Esta situação só acontece porque a Funai é omissa. Esses índios foram abandonados à própria sorte sob pretexto de autonomia. A Funai jamais construiu um posto ou deu uma assistência mais efetiva na área de saúde ou educação a essas populações.

Funai não interfere alegando que aldeia tem autonomia

Em Bauru, cidade onde fica a sede da Funai em São Paulo, a cerca de 400 quilômetros da aldeia guarani, os técnicos da entidade alegam que os índios têm autonomia para decidir seu destino. Explicam que a pouca assistência dispensada pelo órgão é compensada pelos acordos com as Secretarias de Saúde, Educação e Planejamento.

— Estamos tentando melhorar a situação deles. Já doamos um aparelho de rádio-amador e um carro, que por sinal eles já bateram. Conseguimos também um médico que visite a aldeia pelo menos uma vez por semana, além de uma remessa de medicamentos por um acordo com a Fundação Nacional de Saúde — diz a assistente social da Funai Vera Lúcia Garcia Camargo. ■